

Resenhas

HARVEY, David. *A condição pós-moderna. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo, Edições Loyola, 1992.

AS METAMORFOSES DO CAPITAL E O SENTIDO DA MODERNIDADE

Ricardo Costa de Oliveira

David Harvey, professor da Cadeira de Geografia Halford Mackinder da Universidade de Oxford desde 1987, já é conhecido pelo público brasileiro por suas obras anteriores como *Social Justice and the City*, *The Limits to Capital* e *The Urban Experience*.

A condição pós-moderna é um livro dentro da melhor tradição marxista de síntese. O paradigma da categoria de totalidade pode ser observado na abrangência de temas e objetos de reflexão e pesquisa desenvolvidos pelo autor. A cultura, a arte, a arquitetura, o urbanismo, o tempo, o espaço e mesmo o cinema estão presentes na sua análise da contemporaneidade.

A tese do livro, o que articula os vários capítulos da pós-modernidade, é a possibilidade de relação entre novos modos de acumulação do capital e novas práticas e formas culturais dentro da organização do capitalismo. Esta transformação é datada historicamente desde meados dos anos 70, quando importantes modificações aconteceram no regime de acumulação e no modo de regulamentação social e política do capitalismo mundial.

Dentro da melhor análise materialista esboçada por Karl Marx na *Ideologia Alemã*, inspirado pelo fragmento de Gramsci sobre *Americanismo e fordismo* e ambientado no debate recente da *escola da regulação* detonado por Aglietta, Lipietz e Boyer, Harvey desenvolve, na Parte II do seu livro, a fundamentação materialista da transformação da economia política do capitalismo do final do século XX como a base das transformações culturais do pós-modernismo.

A crise do início dos anos setenta pode ser considerada como um período de inflexão entre dois padrões de acumulação capitalista.

A economia capitalista vinha apresentando taxas de crescimento surpreendentes desde o final da Segunda Guerra Mundial. Os chamados trinta anos gloriosos revelaram um sólido crescimento de todos os indicadores macro-econômicos mundiais: produtos brutos, renda *per capita*, comércio internacional, etc. Um dos principais setores econômicos das forças produtivas do início do século XX, a indústria automobilística, decalcada sobre a figura de um dos seus maiores empresários, Henry Ford, conceituará um específico padrão de acumulação capitalista que caracterizará o pós-guerra. O fordismo é um paradigma que concentra industrialização pesada, organização industrial, processo de trabalho, ideologia e estilo de vida bem determinados. A sociedade de consumo e de produção em massa promovida pela acumulação capitalista fordista revela a sua incapacidade de continuar a promover o crescimento econômico e a manutenção da realização de lucro na crise do início dos anos setenta. A crise detonada pelos problemas do petróleo revelaria, então, um novo período caracterizado pela inflação, desemprego estrutural, *deficit* público e recessão.

A saturação dos rígidos padrões da acumulação fordista e de suas forças produtivas cede vez a um novo conjunto de forças produtivas como a micro-eletrônica, as bio-tecnologias e a sofisticada estrutura de serviços organizados em um novo padrão *flexível* de acumulação capitalista. A informática, o *just-in-time*, a qualidade, a automação, as redes de mercados, a logística, a terceirização, o *marketing*, as sub-contratações, as franquias, o decréscimo numérico do proletariado e a desindustrialização desenham um novo mundo, um novo estilo de vida e uma nova sociedade com novos padrões culturais, artísticos e estéticos abrigados no generoso guarda-chuva conceitual do pós-modernismo.

A política da acumulação fordista podia ser caracterizada pelo *Welfare-State* e pelo intervencionismo keynesiano. A política da acumulação flexível nos anos oitenta é a proposta neoliberal, o "Estado-mínimo", as privatizações e a nova luta pela competitividade internacional.

O esforço em se teorizar a transição é uma reflexão sobre o momento atual, a sociedade e o Estado em crise. A acumulação flexível não consegue se consolidar como padrão sólido e universal. Desde 1973, a economia mundial passou a conviver com ritmos moderados a estagnados de crescimento econômico. O desemprego, a inflação, a recessão e as dívidas públicas revelam as fragilidades da nova acumulação capitalista que atinge seletivamente regiões, setores sociais e econômicos de maneira diferenciada. Surgem novíssimas contradições.

Enfim, o livro de Harvey é uma obra importantíssima para se compreender o debate recente sobre o cenário mundial "pós-moderno". Da arte pós-moderna ao prédio da AT&T em Nova Iorque, de *Blade Runner* até os *homeless*, passando pelo discurso filosófico e pelo novo papel do sistema financeiro mundial e da economia especulativa das bolsas de valores e dos *yuppies*, pretende a *condição pós-moderna* ser considerada uma condição histórica. Uma condição da acumulação capitalista flexível enquanto realidade material que atua no tempo e no espaço, criando valores

estéticos e culturais. A pós-modernidade não seria, portanto, um falso nominalismo, nem um discurso *sobre*, nem uma imagem ou mentalidade, nem um olhar, nem uma visão da contemporaneidade, mas uma verdade histórica e geográfica que caracteriza o capitalismo em sua fase presente.

* * *